

O PERFIL DO PROFISSIONAL DOCENTE: IDENTIDADE E DESEJO

THE PROFESSIONAL PROFESSIONAL PROFILE: IDENTITY AND DESIRE

Grazielle Carvalho de Paula¹, Alessandro Campos Piantino²

1. Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário ICESP.

2. Professor Orientador do Centro Universitário ICESP.

RESUMO

Objetivo deste projeto é identificar o que a literatura tem a dizer sobre a relação entre identidade e desejo implicados na profissão docente, diante de um mercado flexível de trabalho. Utilizou-se de uma metodologia qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica. Buscou-se em fontes direcionadas para a relação entre identidade e desejo no contexto do mercado atual. Findando em considerações parciais acerca da necessidade do universo de escuta dos docentes, muito em razão da implicação pessoal, ou seja, constitutiva do sujeito infantil percebida na dimensão do afeto, para o exercício da profissão.

Palavras-chaves: identidade, desejo, sujeito, afeto e profissão docente.

ABSTRACT

The aim of this project is to identify what literature has to say about the relationship between identity and desire involved in the teaching profession, faced with a flexible work market. A qualitative methodology was used, through bibliographic research. We sought sources aimed at the relationship between identity and desire in the current market context. Finding in partial considerations about the need of the universe of teachers' listening, much because of the personal implication, that is, constitutive of the child subject perceived in the dimension of affection, for the exercise of the profession.

Key words: identity, desire, subject, affection and teaching profession.

CONTATO: grazicpaula2009@hotmail.com, alessandro.piantino@icesp.edu.br

Pesquisa financiada pelas Faculdades Integradas Promove de Brasília e Faculdade ICESP, por meio do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa - NIP. Edital Nº 02/2017.

INTRODUÇÃO

A identidade docente é algo subjetivo e está ligada concomitantemente com as relações estabelecidas ao longo de sua vivência, desde a infância até as suas relações atuais. Um processo constante de troca, construção de experiências e aprendizagens de um indivíduo para o outro.

Fundamentados em Dubar (2005 - 2009), para quem a identidade é um processo de construção de um indivíduo imerso em um contexto histórico social, essa consciência parte de uma construção de uma identidade, em que não há identidade sem alteridade, ou seja, "o indivíduo se constitui a partir do olhar do outro, em um determinado tempo e contexto" (DUBAR, 2005-2009 *apud* BARBOSA, et al. 2015, p. 34027).

Mesmo que seja sem perceber, esse indivíduo traz consigo lembranças de professores que em sua experiência foi boa ou ruim, o que foi bom ele agrega a seu trabalho e o que foi ruim ele analisa e procura não ser ou fazer da mesma forma.

Diversos são os autores contemporâneos que buscam identificar problemas pertencentes à realidade escolar,

essas preocupações se estendem aos docentes que percebem a importância da evolução de sua profissão.

Entender o processo de formação profissional, sua aproximação com a atividade docente, trabalha com o pressuposto de que o educador se constrói ao longo de suas experiências de vida.

Para Arroyo (2011) é a junção do pessoal com o profissional "(...) ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós." (p.27).

O professor ocupa, na sociedade atual, pelo elevado número, um lugar de destaque, sendo um dos mais importantes grupos ocupacionais e uma das principais "peças" da economia (TARDIFF E LESSARD, 2012). Em sua discussão teórica defende que historicamente a um processo de desvalorização (MAIOLI, 2004). Os estudos em torno do tema gera crescimento científico de grande interesse, em um momento que se valoriza as especificidades pessoais e sociais, analisa o método e a prática narrativa contínua social.

Segundo Nóvoa (1992), a autonomia a que nos dispensamos, sentimentalmente, ao nosso trabalho perpassa pela processo

identitário. Aquilo que ensinamos, no caso do professor, está intimamente relacionado com o que somos.

A reflexão em torno da identidade se torna importante para que o trabalho docente seja desenvolvido de forma consciente, que a subjetividade é algo que torna o trabalho pessoal, que cada profissional age da forma a que suas experiências o encaminharam para resolver problemas e situações da sua profissão, implicadas em suas vivências.

Tardif (2000, p. 2) afirma que o que se faz da sua vida profissional, seja o que for, seja qual for o tempo, “sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional, como também sua trajetória profissional estará marcada pela sua identidade e vida social”.

A compreensão de que cada profissional é único acumula experiências diferentes uma das outras, é algo que pode clarificar o modo de exercer sua profissão, ao compreender que o trabalho é também subjetivo.

O sujeito enquanto professor se caracteriza em diversos momentos de sua vida, desde a infância. O processo de aquisição do conhecimento não para, de certa forma ele é favorecido. O profissional não se afasta do pessoal, utilizando-o até mesmo como ferramenta para favorecer seu trabalho. Muitas vezes o sujeito se entrega de tal maneira que fica difícil separar a sua vida pessoal da profissional, quando se faz necessário em outro papel como o de um psicólogo, amigo, irmão ou até mesmo, pai e mãe para ajudar o seu aluno em certas questões que são apresentadas no seu dia a dia. Conforme nos informa Coracini (2000, p. 7), acerca desse sujeito que está em constante transformação.

Ao iniciar a profissão, desperta-se o interesse e desejo pelo prosseguir docente. Buscando aperfeiçoar sua profissão, o professor envolve a vida pessoal na profissional, sob efeito de afetos de alegria ou insatisfação por esta escolha e continuidade profissional. Mas será que essa ambivalência tem sido trabalhada pelos profissionais da educação? O que a literatura tem mostrado acerca das expectativas docentes, tendo em vista a dinâmica do mercado flexível de trabalho?

OBJETIVOS

Objetivo geral: Identificar o que a literatura tem a dizer sobre a relação entre identidade e desejo implicados na profissão docente, diante de um mercado flexível de trabalho.

Objetivos específicos:

- Levantar estudos acerca da relação entre afeto, identidade e desejo;
- Contextualizar o mercado flexível de trabalho;
- Apontar as implicações das relações entre identidade e desejo com relação ao mercado flexível de trabalho.

METODOLOGIA

O tipo de pesquisa a que este estudo tem por utilizar é de cunho qualitativo descritivo, o que para Moresi (2003) tem, por essência da investigação, a explicação. Sob o método dedutivo, o estudo realizar-se-á por meio de bibliográficos, em que Marconi e Lakatos (2010) tem por pretensão conferir a este instrumento a potencialidade de se buscar o conhecimento público em relação ao tema estudado.

Métodos e classificação da Pesquisa

Segundo Moresi (2003) a definição do método de pesquisa é importante para identificar as bases lógicas para a investigação científica. Este estudo utilizou-se do método dedutivo de pesquisa que pressupõe que a razão é capaz de levantar o conhecimento verdadeiro. O método dedutivo é proposto por Descartes, que postula quatro regras para investigação científica: Evidência; análise; síntese; e enumeração.

Segundo Moresi (2003) esta pesquisa classifica-se como qualitativa descritiva e terá como fins a investigação explicativa. Quanto aos meios de investigação a pesquisa abrangerá a investigação bibliográfica.

Para Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa bibliográfica, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito.

REVISÃO DA LITERATURA

Afeto, identidade e desejo

Acredita-se que a afetividade de uma pessoa para com a outra se torna mais representativa em nossas memórias. A definição de afetividade que usaremos neste artigo é segundo as ideias de Heri Wallon, definida como:

conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza (apud BEZERRA, CODO & GAZZOTTI, 1999: 48-59).

Muitas pessoas costumam confundir afetividade como sinônimo de emoção, por sua vez é conceituado no estudo de Henri Wallon, segundo Galvão *apud* (1999:61):

“As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações”.

A construção do indivíduo começa ao nascer, quando criança. As interações, com o meio em que a cerca, interfere diretamente na sua formação psíquica, pois nesse momento ela já começa a adquirir experiências sobre os desafios da vida para a sua sobrevivência e depende dos adultos para sobreviver.

A emoção ocupa um lugar privilegiado nas concepções psicogenéticas de Henri Wallon, pois para ele a emoção é vista como instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e, por sua vez, também a afetividade, onde as emoções se manifestam. (BEZERRA, 2006, P. 21)

Dubar (1997) *apud* FARIA, SOUZA sintetiza a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico.

O primeiro diz respeito à identidade para o outro, em que as transações assumem um caráter mais objetivo e genérico; enquanto o biográfico corresponde à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreende as identidades herdadas e identidades visadas. Desse modo, os processos relacional e biográfico concorrem para a produção das identidades.

A identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois processos e a dialética estabelecida entre eles é o cerne da análise sociológica da identidade para esse autor.

Desta maneira é possível perceber que as interações sociais são de suma importância para a formação da identidade, já que ela é construída através do olhar do outro. A identidade pessoal é construída no decorrer da vida conforme os estudos, longe de se fixarem, sendo esse processo ativo até o fim de nossas vidas.

Sendo assim a identidade docente é entendido aqui como um processo de construção social de um sujeito historicamente situado. Em se tratando da identidade profissional, esta se constrói com base na significação social da profissão, de suas tradições e também no fluxo histórico de suas contradições. A profissão docente, assim como outras profissões, surge num contexto como resposta às necessidades postas pelas sociedades, constituindo-se num corpo organizado de saberes e um conjunto de normas e valores (BENITES, 2007).

A constituição do ser professor, isto é, de sua identidade, perpassa diversas questões que vão desde a sua socialização primária, enquanto aluno na escola, seguindo para a formação inicial em cursos de licenciatura, até tornar-se professor de fato, ficando em formação permanente.

O professor é o mediador das informações e a ele compete transferir e fazer com que os alunos desejem o aprendizado da melhor maneira possível, objetivando que o aluno se torne um sujeito crítico, reflexivo e preparado para o mundo globalizado.

Para Nunes (2004), as políticas da aprendizagem supostamente estão focadas em entender a criança como um indivíduo único e que merece receber atenção central para combater o fracasso escolar, mas o que merece atenção e deve ser percebido é a singularidade de cada um, o que raramente é feito.

Enquanto na educação a valorização do cognitivo, medindo o conhecimento, a psicanálise ocupasse do sujeito do inconsciente, enquanto manifestação singular, que não se pode medir e que não se pode apalpar, nem mesmo é concreto.

Para a autora é no processo educativo que pode se destaca a figura do professor,

como aquele que, numa visão psicanalítica, é convocado a ocupar um lugar que pode ultrapassar a prática pedagógica. Aqui entende-se a transferência como mola mestra no processo da psicanálise, que poderá ajudar a entender a relação professor-aluno enquanto processo de ligação.

Como pontua a autora, para Freud a transferência é um fenômeno psíquico que se encontra em todos os ambientes das relações com nossos semelhantes. De acordo com Nunes, 2004 et al, Laplanche & Pontalis (1992, p. 514), "[...] a transferência é entendida como uma repetição de protótipos infantis vividos com uma sensação de atualidade acentuada".

Nessa relação, Nunes (2004, p. 34) afirma:

"[...]está implicada uma relação de amor, uma relação afetiva. Portanto, um professor pode ser um suporte dos investimentos de seu aluno, porque é objeto de uma transferência. Então, mais além da figura pessoal do professor, o educador vai representar, para o aluno, uma função, substituindo, nesse momento, as figuras parentais e/ou pessoas que lhe foram importantes, representando então esse lugar de 'saber', de idealização, de poder.

A posição que é dada ao professor, é uma posição difícil, pois há ela lhe são atribuídas muitas responsabilidades para com seu aluno, que lança ao professor expectativas. O professor, por sua vez, desconhece esse lugar que lhe é concebido pelo aluno, pois quem aspira esse lugar para o professor é o aluno. Ou seja, quem concebe a permissão do poder que caracteriza sua autoridade, não é o professor, mas sim o próprio aluno.

Como informado, autoridade não é algo consciente, que depende do querer do professor, e sim uma estrutura do encontro entre duas pessoas, uma na posição de detentora do saber e a outra pessoa que vai se beneficiar com o saber do outro, ou seja, o fenômeno da transferência.

Sobre isso, direcionando-se para uma conclusão, Nunes (2004, p. 39) afirma:

Logo, se o professor se colocar na posição de que 'tudo sabe', não restará outra alternativa ao aluno a não ser submeter-se à posição de objeto diante desse professor. No entanto, para que o aluno possa se constituir como um

sujeito 'desejante do saber', o professor deveria reconhecer-se um sujeito faltante, castrado. Na mesma medida, o professor deveria sustentar a sua posição como representante do conhecimento. (NUNES,2004,p.?).

Mercado Flexível de Trabalho

Castro (2012, p. 12), ao discursar sobre a "contradição paradoxal", confere à reflexão, sobre a ideologia da realização de si, a "conjunção entre a historicidade individual que funda o projeto de ser e sua confrontação com as situações de trabalho paradoxais que convém compreender as fontes do mal-estar e seus sintomas", justificando a necessidade de uma composição que verse acerca do fomento reflexivo do sujeito-professor.

A docência, como qualquer outra profissão, perpassa por uma relação identitária; sobre isso, Blanchard-Laville (2005), ao interpretar Dejours (1993), menciona a presença do outro nesse reconhecimento intersubjetivo e afirma que o trabalho é um dos campos de realização de si, muito em função da sublimação que há no que diz respeito às não realizações no campo exclusivamente erótico, e que, por deslocamento, as substituições para essa realização, no campo do trabalho.

A questão problemática para esse segmento profissional se coloca na formação docente, na qual não se instruiu corretamente quando do posicionamento profissional com relação ao declínio das emoções, efeitos de situações surgidas no campo educacional. Sobre essa esfera, Blanchard-Laville (2005), no que diz respeito ao professor, disserta que:

Isso com muita frequência os leva a uma ponderável clivagem entre a parte profissional e a parte pessoal de seu eu-professor. Eles pensam ser essa uma maneira de se livrar do problema, e não há dúvida de que uma certa clivagem 'funcional' é necessária. (...) É em parte essa negação do sofrimento e o tabu que se impõe ao falar sobre o sofrimento profissional que os lançam em queixumes insistentes e repetitivos.

Essa não reação ao agravo, em função de uma indignação, impedidas de se exercer na direção do aluno, é para Kehl (2004) o dispositivo que o ressentimento necessita. No lugar de se vingar, o professor atribui ao aluno

a culpa; ao mesmo tempo em que há o retorno das pulsões agressivas sobre o eu, não se reconhecendo como vingativo.

Nesse sentido, para a superação do ressentimento, há a necessidade de se reconhecer essa ambivalência, ou seja, “o outro sou eu, mas ao mesmo tempo o outro é aquilo que eu quero expulsar de mim” (KEHL, 2004, p. 51). E dentro do ambiente de sala de aula, Blanchard-Laville (2005) afirma que os professores necessitam de apreender novamente por meio da escuta de si mesmos, permitindo que o que somos, tudo que sentimos, seja parte da sala de aula, fomentando uma separação do espaço profissional, quando possível, dos próprios empreendimentos narcísicos e libidinais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dimensão afetiva é extremamente importante na construção da pessoa, troca de conhecimento e de personalidade que se dá por interações no meio social.

Vemos que, para Wallon, a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento humano, pois quando este, tão logo deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade lentamente passou para a racionalidade. A afetividade e a inteligência estão imbricadas, havendo um predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas. (BEZZERRA, 2006, p.22).

É nessa linha de raciocínio que – compreendo a construção do sujeito, passando desde seu nascimento, aprendendo e deixando de ser apenas orgânico, até a idade adulta formada por experiências interpessoais, interagindo no meio social, aprendendo uns com os outros, alternando afetividade com inteligência – se passa a estabelecer suas relações com a sua identidade em formação com a constituição do seu desejo.

Com passar dos anos, há uma construção de identidade por parte desse sujeito que com suas emoções, afetividade e troca de experiências com outros indivíduos, coloca-se na sociedade e desde então já tem a sua identidade, mas afinal, o que seria essa identidade?

Fundamentados em Dubar (2005-2009), para quem a identidade é um processo de construção de um indivíduo imerso em um contexto histórico social, essa consciência parte de uma construção de uma identidade, em que não há identidade sem alteridade, ou seja, “o indivíduo se constitui a partir do olhar do outro, em determinado tempo e contexto”. (DUBAR, 2005-2009 apud BARBOSA, et al. 2015, p. 34027).

Dessa maneira não seria diferente a formação da identidade do profissional docente, que empresta seu papel pessoal para agregar ao profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade docente, permeia processos que vão além da capacidade técnica e metodológica adquirida por meio de pressupostos teóricos. O ato de educar carrega muitas práticas que o professor vivenciou enquanto estudante, isto constrói e faz parte da sua identidade profissional. A reflexão em torno disto, se torna importante para que o trabalho docente se desenvolva de forma racional e consciente de que, a subjetividade é o que torna o trabalho pessoal. Cada profissional age da forma que suas experiências o encaminharam para resolver problemas e situações da sua profissão.

A afetividade presente na relação professor e aluno, flexiona o processo de ensino/aprendizagem à subjetividade, esta se correlaciona às práticas vivenciadas do sujeito professor enquanto aluno. Tornando o que, em sua concepção, foi produtivo, uma aplicação em sua realidade, enquanto professor.

No desenvolvimento deste trabalho, é possível concluir, por meio das referências bibliográficas e pesquisa de campo, que o exercício da profissão de educador, implica abordagens educativas que surgem de suas concepções produzidas desde a infância escolar, até sua formação acadêmica. Desta interface, manifesta-se a sua identidade profissional.

Compreende-se que cada profissional é único e acumula experiências diferentes uma das outras, que o auxiliam em sua prática docente. O profissional não se afasta do

pessoal, utilizando-o até mesmo como ferramenta para favorecer seu trabalho.

Consoante a isso, importa que o espaço de escuta seja um fomento, por reconhecer que esses professores, implicados e replicados por seu pessoal, para o controle de suas ambivalências, diante desse mercado flexível de trabalho.

Conflitos de Interesse

Os autores alegam não haver conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, 2006. **Afetividade como condição para a aprendizagem: henri wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção.** Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108, Volume 4, julho a dezembro de 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/File/1219/515>. Acesso em: 20/05/2018.

BLANCHARD-LAVILLE, Claudine. **Os professores entre o prazer e o sofrimento.** - São Paulo, SP: Loyola, 2005.

CASTRO, Fernando Gastl de. **O fracasso do projeto de ser: burnout, existência e paradoxos do trabalho.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

DUBAR, C. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação.**São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARIA, Ederson de; ZOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores** .1 - Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertação]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002. Disponível:<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf> Acesso em: 20/04/2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Atlas. 4ª Ed. São Paulo. 2002.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. (2001). **Vocabulário de psicanálise.** 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo. Atlás. 7ªed. 2010.

MORESI, E. (org.). **Metodologia da Pesquisa.** Versão Impressa.UCB. 2003.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** In: NÓVOA, António Os professores e sua formação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.p.139-158 Revista Nova Escola. Agosto/2002, p.23.

NUNES, Marcia Regina Mendes. **Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência.** *Revista de Psicologia Encontro.* Unia, Santo André- SP, jul- dez 2004.